



Um olhar sobre a recepção da novela das 23h da Tv Globo – “Gabriela”¹

Gabriela Carreiro Sobrinho LEITÃO²

Gilze BARA³

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este artigo pretende lançar olhares sobre a recepção da telenovela das 23 horas da TV Globo, “Gabriela”, exibida de terça a sexta-feira, no período de 19 de junho a 26 de outubro de 2012. A intenção é expor opiniões de um grupo diversificado de telespectadores, para tentar perceber o processo de identificação do público com a telenovela. A captura das opiniões a respeito de “Gabriela” foi realizada por meio da aplicação de questionários, configurando um levantamento qualitativo a respeito da trama. Antes, procuramos compreender o que é a telenovela brasileira e o que ela representa no processo de identificação cultural no Brasil. Também estudamos as questões das identidades e do estabelecimento de identificações por meio da mídia e, especificamente, por meio da televisão e da telenovela.

Palavras-Chave: Telenovela; Televisão; “Gabriela”; Identidades; Recepção.

1 INTRODUÇÃO

A telenovela é um dos gêneros televisivos mais populares na cultura brasileira. Presente na TV nacional desde os anos 1950, o gênero começou como produto destinado às donas-de-casa e produção usada como pretexto para vender sabão em pó. Hoje ela é alçada a líder de audiência no horário nobre. A telenovela faz parte da vida do brasileiro, participa dela e, muitas vezes, informa e até mobiliza mais que os telejornais. A telenovela permeia diversas esferas sociais.

Considerando o valor alcançado pelas telenovelas, este trabalho pretende lançar olhares sobre a recepção da trama das 23h da TV Globo, o *remake* “Gabriela”. Nossa proposta é que a telenovela seja estudada a partir do que o público acha dela. Muito mais do que a audiência em números, defendemos ser relevante saber o que se comenta das novelas e como se dá o processo de identificação dos telespectadores com a produção.

Para isso, estudamos, através de pesquisas bibliográficas, as principais características da telenovela, sua presença no dia a dia da sociedade e seu poder de influência. Também nos dedicamos à questão das identidades e dos processos de identificação. E, por fim, realizamos

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual GP Ficção Seriada do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Graduada em Jornalismo pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. E-mail: gabi_csl@hotmail.com

³ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. E-mail: gilze.bara@gmail.com



um estudo de caso, através da aplicação de questionários, para procurar entender quem são as pessoas que assistiram à telenovela “Gabriela”, o que pensam a respeito da mesma e como se identificaram com ela.

2 NO AR, A TELENVELA

Telenovela⁴ é o nome dado à narrativa ficcional seriada exibida na televisão. Segundo Renato Ortiz, Silvia Borelli e José Ramos (1989), a telenovela brasileira deriva do folhetim francês, da *soap opera* americana e da radionovela latina. E, para Marlyse Meyer (1996, p. 387), telenovela é uma versão atualizada dos folhetins:

Um produto novo, de refinada tecnologia, nem mais teatro, nem mais romance, nem mais cinema, no qual reencontramos o de sempre: a série, o fragmento, o tempo suspenso que reengata o tempo linear de uma narrativa estilhaçada em tramas múltiplas, enganchadas no tronco principal, compondo uma “urdidura aliciante”, aberta às mudanças segundo o gosto do “freguês”, tão aberta que o próprio intérprete, tal como na vida, nada sabe do destino de seu personagem.

Hoje, pode se dizer que a telenovela faz parte da cultura do brasileiro, como afirma Maria Immacolata Vassalo de Lopes (2009, p. 1): “[...] a telenovela no Brasil conquistou reconhecimento público como produto estético e cultural, convertendo-se em figura central da cultura e da identidade do país”. Ainda segundo a autora, a telenovela faz parte da vida das pessoas.

Não resta dúvida de que a novela constitui um exemplo de narrativa que ultrapassou a dimensão do lazer e impregna a rotina cotidiana da nação. Construiu mecanismos de interatividade e uma dialética entre o tempo vivido e o tempo narrado e se configura como uma experiência comunicativa, cultural, estética e social (VASSALO DE LOPES, 2009, p. 9).

A telenovela, portanto, possui diversas características que confirmam seu poder de influenciar a sociedade, indo além do simples entretenimento.

Segundo Roberta Andrade (2003, p. 51), “as emoções, paixões e afetos, elementos prioritários para a configuração da vida cotidiana, são o cenário, por excelência, das telenovelas”. Ela completa, afirmando que “as telenovelas se caracterizam por engajar as

⁴ Neste artigo, iremos nos referir à telenovela também como novela.



audiências em suas narrativas em certa medida, a partir de sua capacidade de abrir à discussão pública discursos emocionais e domésticos normalmente associados ao mundo privado” (ANDRADE, 2003, p. 62).

A emoção, a paixão e o amor são o pano de fundo básico das novelas brasileiras. É com esse fundo narrativo que a trama se desenvolve e também cria com o telespectador uma relação afetiva, permeando as esferas mais íntimas, criando um espelhamento e ditando comportamentos. Thomas Tufte (2004, p. 297) declara que “as telenovelas são amplamente baseadas na relação emocional com sua audiência, proporcionando a articulação com uma grande variedade de sentimentos e identidades”. E Andrade (2003, p. 83) destaca a presença constante do viés amoroso nas telenovelas:

As telenovelas contam e recontam, nos mais diferentes contextos, histórias de amor. Esse termo genérico, que engloba inúmeras teorias tão variáveis quanto as formas de sua expressão, é o terreno privilegiado sobre o qual a narrativa se move. As representações de amor elaboradas nas telenovelas fornecem modelos, estruturas que refletem um “deve ser” das relações amorosas entre homens e mulheres.

Cristina Brandão (2010, apud⁵ BARA, 2011, p. 12) classifica as telenovelas como “narrativas do amor”, a partir do momento em que elas mostram “horas e mais horas de variação sobre o mesmo tema: amor”. Segundo Brandão, os dramas de amor têm grande influência na América Latina, pois essa região é o berço do gênero melodramático, que se apoia na cultura do apelo ao sentimento e à retórica do excesso. Andrade (2003, p. 51) concorda, afirmando que “essa ‘extravagância emotiva’ se impõe a partir de uma estrutura dramática que exhibe descaradamente os sentimentos, o que exige da audiência uma resposta em risos, prantos, suores, palpitações e estremecimentos [...]”. Ainda segundo ela:

A característica básica do gênero é, nesse sentido, o convite implícito no texto à especulação sobre julgamentos morais e/ou dilemas emocionais das personagens, convite que é aceito pela audiência e materializado nas fofocas, conversas e comentários que a trama destila (ANDRADE, 2003, p.52).

É sobre este aspecto que a telenovela hoje se mostra como um produto que incorporou-se à rotina da nação. A novela está presente na vida do brasileiro, seja assistindo-a ou conversando sobre ela nas rodas sociais. Ela alcançou o patamar de um “novo espaço

⁵ Os *apud* feitos neste artigo configuram-se notas de aula da orientadora do mesmo, não estando disponíveis originalmente para o público.



público”, como afirma Vassalo de Lopes (2009). Este espaço permeia as esferas pública e privada, ora evidenciando e trazendo à tona questões nacionais, ora mostrando conflitos familiares. Com essa relação próxima do telespectador, o público reflete a novela nas relações sociais.

Tão importante quanto o ritual diário de assistir os capítulos das novelas é a informação e os comentários que atingem a todos, mesmo àqueles que só de vez em quando ou raramente assistem novela. As pessoas [...] acabam participando do território de circulação dos sentidos das novelas, formado por inúmeros circuitos onde são reelaborados e ressemantizados. [...] *a novela é tão vista quanto falada*, pois seus significados resultam tanto da narrativa audiovisual produzida pela televisão quanto da interminável conversação produzida pelas pessoas (VASSALO DE LOPES, 2009, p. 10).

Tanto quanto pautar a conversa das pessoas, a telenovela dita moda, reflete no consumo e ainda influencia a conversação, criando bordões e expressões que caem no gosto popular.

[...] a telenovela também parece funcionar como mediadora, pois ela pode ser vista através de um expressivo *movimento pendular*, tanto como uma vitrina de consumo (roupas, utensílios, casas, carros, estilos de vida, enfim) quanto um painel de temas sociais (VASSALO DE LOPES, 2003, p. 21).

Nesse sentido, a telenovela se insere num processo de identificação com o público. Tufte (2004) afirma que o enredo da novela toma um lugar privilegiado na vida de quem a assiste. Assim, ela está, o tempo todo, “[...] articulando sentimentos, estimulando conversas e também influenciando a produção de significado e a articulação e formação de identidade” (TUFTE, 2004, p. 297).

Ainda nesse processo de reconhecimento por parte do público, a telenovela vem expressando uma ação pedagógica, como afirma Vassalo de Lopes (2009). Esta ação, denominada, *merchandising social*⁶, está inserida na relação de mimetismo social que a telenovela tem como característica.

Em relação aos personagens de uma trama, Aluizio Ramos Trinta (2010, apud BARA, 2011) afirma que estes são a alma das telenovelas e que é através das personagens e em torno

⁶ Segundo Tufte (2004), as telenovelas introduzem em suas tramas temas presentes na sociedade, a fim de dar-lhes visibilidade. As produções lançam certas temáticas como estratégia de conhecimento destas pelo público. As novelas do autor Manoel Carlos e da autora Glória Perez são famosas por terem na trama a inserção do *merchandising social*. Esse assunto não será abordado a fundo neste trabalho, visto que não esteve presente no objeto de estudo deste artigo. “Gabriela” não apresentou o apelo característico do *merchandising social*.



delas que as tramas se desenvolvem. Segundo ele, a psicologia explicaria que os personagens dramáticos são processados através de uma visão mítica e intuitiva do ser humano, ligando-se a comportamentos chamados universais.

O personagem move as ações narradas ou, em narrativas culturalmente mais prestigiosas, ocupa o centro de todas as atenções. O personagem pode vir a ser o fio condutor da narrativa, levando o leitor a acompanhá-lo em seu desenvolvimento. Os personagens são dotados de maior ou menor capacidade de sugerir empatia (TRINTA 2010, apud BARA, 2011, p. 14).

O ator, para Trinta (2010, apud BARA, 2011), seria um criador de seres. E os personagens são moldados a fim de serem modelos a serem imitados pelos telespectadores. “A junção de uma história geral à história particular do personagem dá contornos preciosos à função re(a)presentativa do personagem” (BARA, 2011, p. 14). Desse modo, a ligação entre o público e as telenovelas se daria, muitas vezes, através dos personagens.

3 SOBRE IDENTIDADES E O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO COM A TELENOVELA

Para entender o processo de identificação da sociedade com a telenovela e com os personagens das tramas é preciso entender como, ao longo do tempo, as identidades pessoais sofreram mudanças em função das transformações sociais. Segundo Bara (2012, p. 20), “as transformações globais causam mudanças nos padrões de produção e consumo e, desta forma, produzem identidades novas e globalizadas”. A partir dessas mudanças, efetivam-se as crises de identidade que caracterizam as sociedades contemporâneas.

Stuart Hall (2000) denomina essa mudança de identidade do indivíduo moderno de deslocamento ou descentração do sujeito. Já Tomaz Tadeu da Silva (2005) afirma que a identidade não é homogênea, estável, definida, mas se mostra transitória. “A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder” (SILVA, 2005, p. 97). De acordo com Bara (2012, p. 23) os autores têm definido que “[...] a identidade está relacionada às atividades sociais em que o indivíduo se insere e que formam sua personalidade e modelam seus perfis social e cultural”.

A identidade cultural é construída a partir da cultura nacional, composta de instituições culturais, mas também de símbolos e representações, como afirma Hall (2000). “Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e



organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2000, p. 50). Tudo isso a partir das narrativas a respeito de nós mesmos e da nação.

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. Como argumentou Benedict Anderson (1983), a identidade nacional é uma ‘comunidade imaginada’. (HALL, 2000, p. 51)

Hall (2000) trata ainda do sentido de cultura nacional num processo de identificações e diferenças, mostrando que “elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo ‘unificadas’ apenas através do exercício de diferentes formas do poder cultural” (HALL, 2000, p. 62).

Em um mundo globalizado, onde os fluxos culturais se cruzam, Hall (2000) defende a existência de “identidades partilhadas”, sujeitas a influências externas e bombardeamentos de outras culturas, sendo difícil conservar identidades que sejam ilesas a esse movimento. Nesse caos de significações diversas e identidades partilhadas fundamentam-se os meios de comunicação. “[...] negociam-se *sentidos* por meio de incontáveis formas de contato, contágio e partilha, entre os quais avulta a *mediação* realizada pelos *meios de comunicação*” (TRINTA, 2008, p. 34). E entre estes meios de comunicação, destaca-se, neste processo, a televisão.

Manifesta-se um processo de identificação quando se torna a própria *identidade* co-extensiva à de alguma outra pessoa, personalidade ou personagem; quando há apropriação (compenetração de ideias, crenças, atitudes e sentimentos) da *identidade* aparente de uma pessoa, personalidade ou personagem; enfim, quando transparece uma fusão intencional da própria *identidade* à de uma pessoa, personalidade ou personagem (TRINTA, 2008, p. 36).

Como vimos no capítulo anterior, a televisão e, especialmente, a telenovela, nosso objeto de estudo, fazem parte da vida do brasileiro, servindo como entretenimento, informação e pautando a vida social. Ela se configura como meio cultural acessível⁷ à população. Bara (2012, p. 29) afirma que “[...] a TV converte-se em porta-voz da cultura da sociedade em que se insere, ao mesmo tempo em que contribui para defini-la ao oferecer paradigmas, orientar discursos e promover agendamentos”. Com base em Dominique Wolton

⁷ Segundo o Censo 2010, a televisão está presente em 95,1% dos lares brasileiros, enquanto 93,7% deles possuem geladeiras e 81,4% rádio (Fonte: IG, 2012, meio digital).



(1996), a autora defende que a TV determina, da melhor maneira, um “laço social” com a audiência, agindo nessa fragmentação de identidades que vimos anteriormente.

Tufte (2004) destaca o papel da telenovela enquanto agente de mudança cultural e social. Assim, ele expõe que as telenovelas fazem parte do dia a dia, agindo na formação e na articulação das identidades e influenciando na organização do tempo, do espaço e das relações sociais. Para o autor, o telespectador se identifica com a telenovela através do sentimentalismo e da emoção, característica básica das tramas. O processo de identificação com as telenovelas, segundo Tufte (2004), chega muitas vezes à mistura de realidade e ficção por parte do telespectador, permeado pelo envolvimento emocional. “A ‘vida real’ das personagens da telenovela valida a vida diária dos espectadores, fazendo com que eles reconheçam a si mesmos como atores em suas histórias diárias” (TUFTE, 2004, p. 298). Brandão (2010, apud BARA, 2011) concorda, afirmando que “é na telenovela que grande parte da população se (re)conhece”. Sendo assim, não podemos estudar telenovela sem estudar seu público. É nele que estão os reflexos da trama.

4 A PERCEPÇÃO DO PÚBLICO QUE ASSISTIU “GABRIELA”: A ABORDAGEM QUALITATIVA

A telenovela “Gabriela” foi exibida pela TV Globo no horário das 23h⁸, com autoria de Walcyr Carrasco e direção geral de Mauro Mendonça Filho. Foi considerada um *remake*, ou seja, nova produção de uma trama já veiculada anteriormente. A primeira versão de “Gabriela” foi televisionada em 1975, na mesma TV Globo. A história é considerada uma adaptação do livro “Gabriela Cravo e Canela”, do escritor baiano Jorge Amado, cuja primeira edição foi publicada em 1958.

A trama da novela “Gabriela” tem como ponto de partida a seca nordestina, onde a protagonista, Gabriela, enfrenta uma jornada árdua até chegar a Ilhéus. Lá é amparada por Nacib, que a contrata para ser cozinheira do bar Vesúvio. Os dois se apaixonam, porém Gabriela é uma mulher livre, natural, que não se adéqua aos costumes e regras da sociedade. A trama se desenrola na década de 20, em uma sociedade arcaica e tradicional. O coronelismo e a riqueza do cacau servem de pano de fundo da história. Os destaques vão para a

⁸ O horário das 23 horas para exibição de telenovelas é considerado “novo” na TV Globo. Antes de “Gabriela”, foi exibida apenas “O Astro”. Segundo Vassalo de Lopes (2003) e Ortiz, Borelli e Ramos (1989), a TV Globo criou o horário das novelas. Mais disciplinada que as outras emissoras, implantou os três horários destinados às novelas nos anos 1970: 19h, 20h e 22h, testando o horário das 18h e o fixando em 1975. A faixa horária das 22h se extinguiu em 1979, sendo retomada em 2011 pela TV Globo, porém às 23h.

personagem Malvina, que luta contra a sociedade para poder ter liberdade de escolher seu destino, o personagem Mundinho Falcão, que luta contra o coronelismo e as regras impostas pela sociedade de Ilhéus e o bordel Bataclan, que tem lugar importante na história.

A versão da telenovela, alvo do nosso estudo, começou a ser exibida no dia 19 de junho de 2012 e terminou no dia 26 de outubro de 2012, totalizando 77 capítulos, com média de audiência de 18.9 pontos⁹. “Gabriela” foi exibida de terça a sexta-feira. Nas terças, quintas e sextas, o capítulo da telenovela possuía três blocos. A duração bruta¹⁰ média era de 45 minutos, e a líquida¹¹ média de 35 minutos, sendo o primeiro bloco maior que o segundo, e o segundo maior que o terceiro. Às quartas-feiras, a novela sofria redução devido à transmissão de futebol. A novela neste dia era deslocada para a faixa das 24h, com duração bruta e líquida de cerca de 18 minutos, com apenas um bloco. Estas medições foram feitas durante duas semanas, entre os dias 04 e 14 de setembro de 2012.

A análise proposta neste trabalho teve a intenção de auscultar a recepção da telenovela “Gabriela”. Para isso, foi realizada uma abordagem qualitativa, com objetivo de ouvir diretamente, de seus diferenciados entrevistados, as variadas opiniões a respeito da novela (horário exibido, produção, enredo, personagens, temática). A fim de qualificar o público que assistiu à telenovela da TV Globo, foram elaborados dois tipos de questionário: para quem assistiu à telenovela (26 questões) e para quem não assistiu à telenovela (nove perguntas). Os dois questionários atuam da mesma forma, ou seja, buscaram perceber os gostos e os motivos que levaram tal pessoa a assistir ou não à produção. Os questionários¹² foram aplicados na cidade de Juiz de Fora (MG), nos dias 13 e 14 de setembro de 2012 – portanto, faltando pouco mais de um mês para o fim da trama. O levantamento privilegiou ouvir pessoas de sexo, idade, escolaridade e renda diferentes, com aplicação de 40 questionários (30 para quem assistiu à telenovela “Gabriela” e 10 para quem não assistiu). A análise deste levantamento está dividida em quatro grupos: mulheres que não assistiram à novela “Gabriela”; homens que não assistiram à novela “Gabriela”; mulheres que assistiram à novela “Gabriela”; e homens que assistiram à novela “Gabriela”.

No grupo de mulheres que não assistiram à novela “Gabriela”, cinco pessoas foram entrevistadas. O principal motivo de não assistirem à telenovela “Gabriela” foi o horário das 23 horas, considerado tarde. Quatro das cinco entrevistadas creditaram o horário como sendo

⁹ Fonte: RD1, 2012, meio digital.

¹⁰ Configura-se a análise da duração da telenovela com os intervalos comerciais.

¹¹ Configura-se a análise da duração da telenovela sem os intervalos comerciais.

¹² As versões originais dos dois questionários aplicados estão disponíveis em CD.



empecilho para assistir à novela. E uma se queixou que “Gabriela” não é fiel à obra original de Jorge Amado – este seria o motivo de negativa frente à novela da Globo. Uma das entrevistadas, uma técnico administrativa de 21 anos, respondeu que a novela era “indecente” e por isso não a assistiu.

O grupo de homens que não assistiram à novela “Gabriela” também era formado por cinco componentes. Todos os entrevistados se remeteram ao horário de exibição da novela como o fator que os impediu de acompanhar a produção. Um mecânico de 37 anos afirmou que “a novela passa muito tarde e no dia seguinte eu preciso acordar cedo pra trabalhar”. Outro, um contador e assessor de imobiliária de 77 anos, respondeu que prefere não ver porque leu o romance antes. Ele acredita que a dramatização de um livro na TV deixa a desejar: “O livro dá mais liberdade de imaginação”.

No grupo dos homens que assistiram à novela “Gabriela”, nove pessoas foram entrevistadas. Cinco entrevistados afirmaram assistir à novela todos os dias. Cinco também disseram ver a novela na internet quando não veem na televisão.

Seis entrevistados revelaram gostar de assistir novelas. Um auxiliar de biblioteca/servidor da UFJF de 29 anos disse que assistia “Gabriela” para esperar o Jornal da Globo, que passa após a novela das 23h. Perguntados por que assistiam “Gabriela”, dois entrevistados responderam que gostavam da temática, achavam interessante. Um estudante de 18 anos a chamou de “divertida”. Um auxiliar administrativo de 22 anos declarou “amor à primeira vista” pela telenovela “Gabriela”. Um aposentado de 77 anos disse: “Gostei quando passou da outra vez”, se referindo à primeira versão de “Gabriela” na televisão. Um vigilante de 31 anos, em contrapartida, respondeu: “Quando chego está passando, a namorada gosta de ver”.

Sobre o que mais gostavam na novela, a resposta foi variada. Há os que gostavam da temática de época e até do jeito dos atores falarem¹³. O humor, o Bataclan e o casal principal, Gabriela e Nacib, também foram lembrados. Perguntados sobre se veem diferenças entre “Gabriela” e outras novelas, da TV Globo ou de outra emissora, o aposentado de 77 anos disse que ela se diferenciava pelo tema, que considerava “polêmico”. Um jornalista de 20 anos afirmou que “a principal diferença está na temática abordada” (“Gabriela” se passava na cidade de Ilhéus, na Bahia, e mostrava a sociedade baiana dos anos 1920). Um estudante de 18 anos disse: “O cenário é muito mais chique. O enredo é bem interessante, por se tratar de

¹³ Os atores da telenovela “Gabriela” estudaram prosódia para falar do jeito característico do Nordeste e para usarem expressões da época e da região. (Fonte: Flávio Ricco, UOL, meio digital).

uma obra literária de Jorge Amado”. Um assistente administrativo de 25 anos atribuiu as palavras “qualidade” e “perfeição” à “Gabriela”, perante outras produções. Já um vigilante de 31 anos declarou: “Não parei para reparar isso, acho que é a mesma coisa”.

O aposentado de 77 anos destacou a boa produção, os bons cenários e os figurinos de “Gabriela”, mas afirmou que não vê diferenças técnicas em relação a outras novelas. Já para o estudante de 18 anos, “Gabriela” é mais bem feita tecnicamente: “Eles trazem a história para a realidade”, disse, justificando-se que o resgate da época em que “Gabriela” se passava necessita de uma produção mais atenta e “estudada” sobre o que querem contar, garantindo um acabamento melhor do que as outras novelas.

A maioria dos integrantes deste grupo afirmou que familiares e amigos também assistiam à “Gabriela”. O auxiliar administrativo de 22 anos via a novela com a família toda. Já o auxiliar de biblioteca/servidor de 29 anos assistia com os amigos que moram junto com ele em uma república. Dois entrevistados disseram que o horário das 23h é bom para este tipo de produção. Dois outros acham a faixa horária tarde para telenovelas, porém um acha esse fator ruim e o outro, o jornalista de 20 anos, já acha que é “uma opção a mais de teledramaturgia pra quem não está em casa nos outros horários”. Outros quatro entrevistados acham o horário apropriado para produções que tenham cenas picantes ou que querem ter o diálogo mais livre, como “Gabriela”, de acordo com o assistente administrativo de 47 anos (“Gabriela” está inserida neste contexto, já que é uma trama de forte apelo sexual, usando de muitas cenas de nudez).

Perguntamos também se os entrevistados já assistiram à outra novela na faixa das 23 horas. Cinco responderam afirmativamente, citando principalmente a antecessora de “Gabriela”, a novela “O Astro”. Duas outras produções foram citadas: “O Bem Amado”¹⁴, de 1973, da TV Globo, e “Máscaras”¹⁵, de 2012, da TV Record. Questionados se esse deve ser um horário fixo de novelas da TV Globo, o grupo ficou dividido. Quatro entrevistados afirmaram que sim, outros quatro afirmaram que não (em função de o horário ser tarde) e um se colocou como indiferente.

Quatro homens consideraram “Gabriela” uma telenovela “boa”. Outras respostas foram “muito bem feita”, “ótima”, “maravilhosa”, “engraçada” e “polêmica”. O jornalista de 20 anos disse se identificar com a novela “Gabriela”, pois, segundo ele, “existem muitos personagens que não são compreendidos e às vezes me sinto assim”. Indagado com qual

¹⁴ A telenovela “O Bem Amado” foi exibida no chamado “horário das 22h” da TV Globo, citado anteriormente neste artigo.

¹⁵ A telenovela “Máscaras”, da TV Record, sofreu grande variação horária na grade da emissora e não foi determinada a exibição no horário das 23h.



personagem da trama se identificava, o entrevistado relatou se identificar com a personagem Malvina, “pois ela não tem medo de dizer o que pensa”. Três outros homens citaram personagens como Mundinho Falcão (dito como “visionário” pelo auxiliar de biblioteca/servidor de 29 anos), Tônico Bastos e Nacib.

O quarto e último grupo foi composto por 21 mulheres. Entre elas, oito declararam assistir “Gabriela” todos os dias. Dentre elas, uma estudante de 17 anos disse ser “assídua”. As outras entrevistadas disseram ver entre duas a três vezes por semana, “às vezes” ou “quando estou em casa”. Já uma estudante de psicologia de 44 anos só via “Gabriela” aos finais de semana, já que só acompanhava a novela pela internet. Sobre se viam outras novelas além de “Gabriela”, 11 responderam negativamente. Uma estudante de 22 anos disse: “Só gosto de ‘Gabriela’”. As outras todas responderam que sim, e a maioria declarou assistir à novela “Avenida Brasil”, da TV Globo. Uma aposentada de 56 anos disse ver novelas no SBT, enquanto uma copeira de 48 anos afirmou que “só as novelas da Globo”.

A pergunta “Por que assiste ‘Gabriela’” obteve muitas opiniões distintas e pontos relevantes. Foram obtidas respostas como “porque é muito bonita”, “pelas histórias de amor”, “curiosidade”, por ser novela de época e por ser inspirada na obra de Jorge Amado. A estudante de 17 anos afirmou que vê “Gabriela” por ser “fã de Ivete Sangalo, que estava como Maria Machado”. Uma funcionária pública de 56 anos disse: “Porque é o momento de relaxamento quando chego da faculdade”. Já uma professora de 34 anos afirmou que “é o horário que ligo a TV antes de dormir”. Todas disseram gostar de ver “Gabriela”. Questionadas sobre o que mais gostavam na novela, as mulheres se referiram à época retratada e ao fato de a novela ser baseada numa obra de Jorge Amado. E também à história em si, aos figurinos e à qualidade dos atores e da técnica. Outras ainda se justificaram dizendo gostar de personagens da história. Nomes como Gabriela (“acho engraçado o jeito simples dela”), Mundinho Falcão (“tenta mudar uma cultura”) e Malvina (“está uma geração à frente”) foram os mais destacados. O Bataclan também foi citado.

Sobre as diferenças entre “Gabriela” e outras novelas, uma secretária de 39 anos disse: “Muito mais regional e se trata de uma obra literária”. Uma doméstica de 26 anos não sabia ao certo o que tornava “Gabriela” diferente de outras produções, mas afirmou: “É mais bonita”. Uma autônoma de 66 anos considerou “Gabriela” “mais engraçada”. A estudante de 22 anos acredita que “[...] apesar de algumas cenas picantes, eu acho ela mais pura”. Já a professora de 34 anos expôs: “Acho interessante ser uma novela de menor duração”. Por outro lado, uma bibliotecária de 30 anos pontuou: “É como outra qualquer”.

Perguntamos se acham que “Gabriela” é uma novela mais bem feita tecnicamente do que as outras. Entre as que acharam que sim, algumas não sabiam definir o quê, mas percebiam um “cuidado” com a obra. A professora de 44 anos disse: “Acho que está no mesmo nível das outras da Globo, que, tecnicamente, são todas muito bem feitas”. Já a coordenadora de 24 anos achou que “a parte histórica é mais rica”. Uma jornalista de 41 anos afirmou: “A imagem tem uma qualidade incrível!”, enquanto a estudante de 17 anos destacou o cenário, que explora o rústico e o regional, segundo ela.

Em relação a outras novelas do horário das 23 horas, nove entrevistadas afirmaram ter assistido à telenovela “O Astro”. A aposentada de 56 anos lembrou da novela “Fascinação”¹⁶, do SBT. Sobre o que acham de ser exibida uma novela às 23 horas, sete pessoas recomendaram o horário a produções que teriam que sofrer cortes se exibidas mais cedo. A professora de 34 anos disse: “Acho correto, pois a novela ‘Gabriela’ contém muitas cenas de sexo e violência”. O horário, considerado tarde, dividiu opiniões, já que para algumas ele “dá sono”. Mas, para outras, é um bom horário para quem trabalha e estuda, servindo como mais uma opção na TV aberta. A funcionária pública de 56 anos declarou ser “o momento para relaxar”. Já a professora de 44 anos considerou um desperdício: “É uma novela linda, muito bem feita, que passa num horário que poucas pessoas podem assistir”.

Elogios não faltaram quando perguntamos o que achavam da novela “Gabriela”. A bibliotecária de 30 anos falou: “*Remake* bem feito. Os atores estão bem”. A professora de 44 anos declarou: “Acho-a linda, como toda novela de época: figurino, cenário, música, elenco”. A professora de 34 anos lembrou Jorge Amado: “Uma forma do grande público conhecer uma pequena parte da obra de Jorge Amado”. A coordenadora de 24 anos considerou “Gabriela” uma oportunidade de mostrar como a sociedade se modifica ao longo do tempo e de como cada local tem características próprias. Para a aposentada de 56 anos, “Gabriela” mostrou “como e o que os nossos avós e pais passaram. E como é melhor hoje”. Sobre a identificação com a novela, a jornalista de 41 anos disse:

A novela se passa em uma época muito distante da época em que vivo. E também em uma sociedade diferente da minha. Mas, ainda assim, me identifico sim com algumas situações representadas na novela – principalmente situações universais.

¹⁶ Telenovela exibida em 1998/1999, escrita por Walcyr Carrasco. “Fascinação” não foi considerada uma produção do horário das 23 horas, sendo classificada como “novela das oito”. E ainda sofreu alterações de horário ao longo da exibição.



A aposentada de 56 anos afirmou se reconhecer na trama: “[...] os limites impostos eram parecidos com os que eu tinha com meu pai, que não deixava eu sair e namorar”. A estudante de 22 anos foi romântica: “Eu amo histórias de amor diferentes”. A doméstica de 26 anos disse que se identifica com a telenovela “Gabriela” por causa do figurino: “Gosto das roupas”. As mulheres se dividiram predominantemente entre Gabriela e Malvina como personagens com as quais mais se identificaram na novela. Gabriela foi lembrada pelo “jeito simples”, “ingenuidade”, “rebeldia”. A estudante de 22 anos disse que se identificou com a personagem Gabriela “porque ela é muito moleca”. A bibliotecária de 30 anos afirmou que se identificou com a novela por causa da personagem Gabriela. Ela disse gostar do “jeito dela”. Segundo a copeira de 48 anos, “Gabriela” “lutou pelo feminismo”. Malvina foi citada como “feminista”, por enfrentar os “desmandos dos homens” e possuir personalidade forte. A professora de 44 anos disse se identificar com Malvina: “Tenho gênio forte e opinião própria. Normalmente eu batalho por meus ideais”. A aposentada de 56 anos se identificou com Malvina porque ela “é ‘topetuda’ e diz que não vai casar com quem não gosta. E bate de frente mesmo”. A estudante de 19 anos também se identificou com a telenovela estudada por causa de uma personagem, no caso, Malvina. “Gosto da personagem Malvina e de suas atitudes”. Segundo ela, a personagem “[...] dá opiniões sem se importar com o que a sociedade vai falar”. A jornalista de 41 anos lembrou de Gersa como mais uma personagem que também enfrenta “os desmandos dos homens em relação às mulheres”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conseguimos perceber, através da aplicação dos questionários, sinais de quem é o público e um pouco do que ele pensa a respeito da telenovela “Gabriela”. Do total de 40 questionários aplicados, 26 foram respondidos por mulheres. Em relação à idade, conseguimos uma grande variedade, já que as pesquisas reuniram pessoas de 17 a 77 anos. Sobre as mulheres que assistiram à novela “Gabriela”, a maioria possuía no mínimo ensino superior e declarou ter renda de um a três ou de quatro a dez salários mínimos. Dos homens que assistiram “Gabriela”, a maioria tinha escolaridade até o ensino médio e renda familiar de um a três salários mínimos. A maior queixa dos entrevistados que não assistiram à telenovela foi o horário de exibição, na faixa das 23 horas, considerado tarde.

Entre os que assistiram à telenovela “Gabriela”, percebemos a identificação dos entrevistados com a trama, o que, à primeira vista, poderia não acontecer, já que “Gabriela”



foi uma novela de época, que retratava um período muito característico e regional, remetendo à sociedade baiana – bem distante da juiz-forana, onde o levantamento foi realizado. A realidade apresentada foi muito diferente da vivida hoje. Mas, ao mesmo tempo, as histórias mostradas na novela são universais: mocinha lutando contra a família ou a sociedade para ficar com o amado – conflitos mostrados ainda hoje, o que traz veracidade à trama e favorece o processo de identificação do público.

A identificação do público também se efetivou por meio de personagens da trama. Heroínas como Malvina e heróis como Mundinho Falcão são personagens atemporais que atraíram os olhares das mulheres e dos homens que compuseram a recepção de “Gabriela”. Lutar pelo amor e pelo que se acredita, tentar mudar a sociedade e exercer justiça são sentimentos coerentes com o mundo contemporâneo.

Enfim, enquanto amostragem, quer seja pela trama, quer seja por meio das personagens ou mesmo do cenário, do figurino, do modo de falar ou de situações específicas mostradas na história, o público que se aventurou a desafiar o sono para conferir o *remake* de “Gabriela”, exibido às 23h pela TV Globo, teceu laços de identificação com a telenovela. Vínculos que se traduziram em fidelização e em audiência.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Roberta Manuela Barros de. O sentido da Telenovela: as audiências e os textos. In: _____. **O fascínio de Scherazade**: Os usos sociais da telenovela. São Paulo: Annablume, 2003. p.51-89.

BARA, Gilze. Apresentadores de telejornais: personagens de telenovelas ou da “vida real”? In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE/INTERCOM SUDESTE, 16., 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos Intercom Sudeste**. São Paulo: Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (Fecap), 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0424-1.pdf>> Acesso em: 18 de set. 2012.

_____. **Para além do “boa noite”**: Os apresentadores de telejornais e o processo de identificação com o público. 2012. 193 f. Tese de mestrado em Comunicação Social. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.



IG. **IBGE**: Pela 1ª vez, domicílios brasileiros têm mais TV e geladeira do que rádio. 27 de abr. 2012. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2012-04-27/ibge-pela-1-vez-domicilios-brasileiros-tem-mais-tv-e-geladeira-d.html>>. Acesso em: 28 de out. 2012.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ORTIZ, Renato; BORELLI, Silvia Helena Simões; RAMOS, José Mário Ortiz. **Telenovela**: história e produção. São Paulo: Brasiliense, 1989.

RD1. “**Gabriela**” empata com “**O Astro**” em audiência. 27 de out. 2012. Disponível em: <http://www.rdlaudiencia.com/televisao/gabriela-supera-o-astro-em-audiencia-2/142045?utm_source=dlvr.it&utm_medium=twitter>. Acesso em: 01 de nov. 2012

RICCO, Flávio. **Walcyr Carrasco** poderá escrever novela das nove depois de “Gabriela”. UOL. 12 mar. 2012. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/colunas/flavio-ricco/2012/03/12/walcyr-carrasco-podera-escrever-novela-das-nove-depois-de-gabriela.htm>>. Acesso em: 06 de nov. 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2005.

TRINTA, Aluizio Ramos. Televisão e formações identitárias no Brasil. In LAHNI, Cláudia; PINHEIRO, Marta (orgs). **Sociedade e Comunicação**: perspectivas contemporâneas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 31-50.

TUFTE, Thomas. Telenovelas, cultura e mudanças sociais: da polissemia, prazer e resistência à comunicação estratégica e ao desenvolvimento social. In: VASSALO LOPES, Maria Immacolata (org.). **Telenovela: Internacionalização e Interculturalidade**. São Paulo: Loyola, 2004, p. 293-319.

VASSALO DE LOPES, Maria Immacolata. **Telenovela brasileira**: uma narrativa sobre a nação. Revista Comunicação & Educação, São Paulo, (26): 17 a 34. jan./abr. 2003.

_____. **Telenovela e direitos humanos**: A narrativa de ficção como recurso comunicativo. Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/Intercom. Curitiba/PR, 4 a 7 de setembro de 2009.